

HISTÓRIA PÚBLICA ÀS AVESSAS: O PROGRAMA “ALIENÍGENAS DO PASSADO” E A (DES)CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DA ÁFRICA

Thales Ferraz Silva¹

Resumo: Esse trabalho visa identificar os recursos argumentativos utilizados pelo programa “Alienígenas do Passado”, do *History Channel*, para sedimentar a versão que eles apresentam a respeito da História da África e, dessa forma, colaborar, com o debate acerca da História Pública, bem como com os estudos africanistas. A presente pesquisa partiu da ideia de que a história dos povos africanos ainda é difundida, principalmente nos países ocidentais, de maneira generalizante e preconceituosa, geralmente resumida em escravidão e colonialismo, esquecendo que o continente é um território gigante e plural, com inúmeros povos, organizados em diferentes formas sociais, culturais, políticas e religiosas muito antes da chegada do homem branco. Nesse sentido, o campo da História Pública torna-se uma excelente ferramenta para mudar estas narrativas colonialistas. Assim, antes de adentrar o referido programa de televisão, cujo cerne é colocar seres extraterrestres no centro da humanidade, apresentei os conceitos de negacionismo, revisionismo ideológico, *fake news* e teoria da conspiração.

Palavras-chave: História Pública; History Channel; Alienígenas do Passado.

PUBLIC HISTORY INSIDE OUT: THE “ALIENS OF THE PAST” PROGRAM AND THE (UN)CONSTRUCTION OF AFRICAN HISTORY

Abstract: The present academic work seeks to identify the argumentative resources used by the TV show “Ancient Aliens”, from History Channel, intending to highlight the version that they present about African History and, in that way, collaborate with the debate about Public History, as well as the africanist studies. The current research started from the idea that the history of the african people is, still, diffused usually at the so called occidental countries in a generalizing and prejudiced way, generally summarized in slavery and colonialism, forgetting to mention that the continent is a huge and plural territory, with innumerable peoples, organized in different social, cultural, political and religious manners, way before the arriving of the white man. In that regard, the Public History field has become an excellent tool to change those outdated narratives. Therefore, before to get into the referred TV show,

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Contato: thales-ferraz@hotmail.com.

that has in its core the idea of extraterrestrial beings in the center of human history, I'll present the concepts of denialism, ideological revisionism, fake news and conspiracy theory.

Keywords: Public History; History Channel; Ancient Aliens.

Introdução

Teriam seres extraterrestres visitado nosso planeta há milhares de anos? Estariam esses alienígenas por trás da construção de grandes monumentos arquitetônicos e outros conhecimentos que nos são importantes até os dias de hoje? E por fim, seria uma tarefa das historiadoras e dos historiadores investigar e colocar para debate um assunto desses, ou devemos deixar tal assunto apenas para os ditos ufólogos e/ou para os cineastas? Essas são algumas das perguntas que deram base ao trabalho de conclusão de graduação defendido em fevereiro de 2023 e, parte das conclusões compartilhadas aqui.

Minhas respostas são “não” para as duas primeiras perguntas e “sim” para a terceira. Acredito que este assunto deva ser, sim, estudado e analisado por nós historiadores, basta pensarmos no mais famoso canal de televisão por assinatura dedicado ao passado do mundo, o *History Channel*². O canal tem como um de seus carros-chefe o programa *Alienígenas do Passado (Ancient Aliens)*³, cujo cerne é apresentar teorias conspiratórias de que seres vindos de outro planeta (chamados no programa de “antigos astronautas”) estão diretamente envolvidos em diversos momentos históricos, desde episódios da Bíblia, nas construções das pirâmides do Egito, na Guerra Fria e até em decisões políticas contemporâneas. Ou seja, acredito ser de fundamental importância que voltemos nossa atenção para este canal e, principalmente, para este polêmico e provocativo programa que, ao colocar essas histórias

² Para saber mais sobre o canal: <https://history.uol.com.br/sobre-o-history>. Acesso em: 08 jan de 2024.

³ O programa está no ar desde 2010 e ainda faz parte da programação do History Channel.

com alienígenas no centro da História mundial, acaba se inserindo ao debate da História Pública, porém, às avessas.

Neste trabalho não me detive a analisar a História mundial, fui mais específico: tive como foco a História da África a partir do programa *Alienígenas do Passado*. Se, muitas vezes, nem mesmo os livros didáticos proporcionam o “espaço adequado” ao tratar da História do continente africano e os filmes e grandes mídias acabam geralmente colaborando para a “história única”⁴ acerca do mesmo, imaginemos, então, as problemáticas narrativas deste programa sobre a História africana e o impacto que isso pode causar nos telespectadores que acreditam estarem, de fato, tendo contato com uma História científica, “verdadeira” e honesta, aquela História que não se conta nas escolas e que os/as historiadores/as estão escondendo da população não acadêmica.

É bem conhecida a definição de que a História é o estudo das ações do ser humano ao longo do tempo (BLOCH, 2001), elas que dão à ciência histórica sua relevância. O que será que Marc Bloch diria ao ver que alguns grupos de pessoas acreditam que a História, na verdade, é o estudo das ações de “seres humanóides, racionais, [e] interplanetários” ao longo do tempo? Tendo isto em mente, a questão central deste trabalho é: quais os recursos argumentativos utilizados pelo programa *“Alienígenas do Passado”* para sedimentar a versão que eles apresentam sobre História da África?

Assim, minha metodologia de pesquisa consistiu em, a partir da seleção de dois episódios do programa *“Alienígenas do Passado”* (Mistérios da Esfinge e Segredo das Múmias), que têm como temática o território africano, analisar os discursos utilizados pelos interlocutores do programa e entender o que torna suas narrativas tão atraentes para o público leigo. Ademais, com o apoio da

⁴ Em “O Perigo de Uma História Única”, Chimamanda Ngozi Adichie nos mostra que é “impossível falar sobre a história única sem falar do poder”, pois as histórias únicas frequentemente surgem como narrativas escritas por aqueles que se “saíram vencedores” (ADICHIE, 2019).

historiografia acadêmica sobre a História da África, bem como a da própria História Pública, reuni comprovações e versões historiográficas que possibilitam enfrentar esses argumentos simplórios, generalizantes, preconceituosos e até mesmo exóticos que acabam por colocar os chamados “antigos astronautas” como protagonistas da história dos povos africanos.

Assim sendo, este trabalho se justifica pela necessidade de questionar o fato de um dos programas mais famosos do canal *History Channel* ser um verdadeiro “perigoso” ao público, visto que apresenta argumentos que enfatizam a ação de supostos seres extraterrestre na história em detrimento das ações humanas, nesse caso, das ações da população africana na construção de sua própria história. Outra situação que me levou a trabalhar o tema foi o fato de ter procurado sobre a temática em alguns bancos de dados, dentre eles o Biblioteca Científica Eletrônica On-line⁵, o Repositório Institucional da UFJF⁶ e o portal Periódicos Capes⁷, e ter encontrado muito poucos trabalhos problematizando o programa. Um de meus únicos achados foi o caso do trabalho do professor Márcio Souza Gonçalves, intitulado “Foram os *aliens*: comunicação de massa e verdade” e que serviu de referência a este texto. Essa situação de ausência de referências acabou exigindo um esforço ainda maior deste pesquisador que vos escreve. Somado a isso, percebe-se a dificuldade que as Ciências Humanas têm, sobretudo a História, de se comunicar com o público externo não acadêmico. Exemplo disso são os recentes movimentos de pessoas querendo a volta da ditadura militar, mesmo após os inúmeros estudos, trabalhos e fontes históricas que demonstram as atrocidades cometidas pelo governo nesse período da história brasileira. Assim, questionar o canal e o programa em questão pode ser uma

⁵ SciELO – Scientific Electronic Library Online (Biblioteca Científica Eletrônica On-line): <https://scielo.org/>. Acesso em: 10 jan. de 2024.

⁶Repositório Institucional da UFJF: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/jsessionid=0AC09306AC0BC69801DC85A553AC992D>. Acesso em: 10 jan. de 2024.

⁷ Portal Periódicos Capes: <http://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em: 10 jan. de 2024.

abordagem capaz de colocar uma “pulga atrás da orelha” de futuros leitores ou telespectadores do canal. Além disso, talvez sirva como contribuição para que pesquisadoras e pesquisadores da área se dediquem cada vez mais a pensar nos diferentes passados construídos (e publicizados) por não historiadores/as, principalmente a partir de obras da televisão, internet, redes sociais e, porque não, no cinema, pois esses são os principais meios através dos quais o público tem contato com conteúdos sobre o passado.

Os cavaleiros do apocalipse da História Pública

Versões errôneas de que a Terra é plana e de que o mundo não chega a ter seis mil anos têm hoje muitos adeptos, em contraposição aos avanços do conhecimento científico. [...] A proliferação de narrativas falsas coloca em questão não só a Geografia e as Ciências Naturais. A História enfrenta essa mesma praga, levando os professores a se perguntar: em época de fake news, como ensinar História? (FUNARI, 2021, p. 116).

Assim como a Guerra, a Fome e a Peste são conhecidos como os Cavaleiros do Apocalipse do século XIV, faço uma analogia em que considero o **Negacionismo**, o **Revisionismo Ideológico/apologético** e a **Fake News** como os cavaleiros do Apocalipse no que se refere à História Pública. Marcos Napolitano (2021) nos ajuda a entender as ideias de negacionismo e revisionismo ideológico, segundo ele:

Uma dupla distorção no conhecimento do passado, quase sempre mobilizada como parte das lutas políticas do presente. Esse aspecto é inevitável, e faz parte das interações complexas entre memória, identidades sociopolíticas e conhecimento histórico. A primeira distorção é o recurso à mentira pura e simples sobre um evento ou fato histórico comprovado por fontes e por consenso de historiadores (independentemente das interpretações que se possa fazer sobre suas causas ou desdobramentos), conhecido pelo nome de *negacionismo*. A segunda distorção é a apropriação seletiva de fatos igualmente comprovados, sem a devida complementação de informações, para reforçar a tese negacionista. A isso chamaremos de *revisionismo ideológico* (NAPOLITANO, 2021, p. 86-87).

A primeira coisa que devemos lembrar é que atitudes negacionistas e revisionistas não necessariamente fazem parte de atitudes ignorantes e inocentes do indivíduo que não tem conhecimento suficiente ou necessário

para se comportar dessa maneira. Essas ideias são amplamente baseadas em posições políticas e ideológicas, “como, no caso brasileiro, a falsa suposição de que não houve uma ditadura militar ou de que não há racismo no país” (FICO, 2021, p. 34). Nessas narrativas alternativas, pelo contrário, teria existido um “regime militar” imposto para salvar a nação das garras do comunismo e, sendo o Brasil um país miscigenado, debates raciais “poderiam ter um efeito bumerangue, criando conflitos raciais que, segundo dizem, não existem na sociedade brasileira” (MUNANGA, 2015, p 24). Inclusive, por diversas vezes, tais indivíduos negacionistas

apelam para o “direito à livre expressão” para propagar suas ideias nefastas. A defesa do direito de opinião e de “liberdade de expressão”, sem dúvida um dos princípios basilares da democracia moderna, é frequentemente reivindicada por negacionistas para expressarem suas ideias em público e buscarem reconhecimento no meio científico (NAPOLITANO, 2021, p. 95).

O autor ainda define que os negacionistas são aqueles que rejeitam

o conhecimento histórico estabelecido em bases científicas e metodológicas reconhecidas, em nome de uma suposta “verdade ocultada” pelas instituições acadêmicas, científicas e escolares por causa de supostos “interesses políticos ligados ao sistema”. Assim, os negacionistas alimentam e são alimentados pelas diversas “teorias da conspiração” que sempre existiram, mas que nos primeiros anos do século XXI têm sido canalizadas por interesses políticos, sobretudo de partidos e líderes de extrema direita, para combater os valores progressistas e democráticos. Em muitos casos, uma opinião negacionista tem sua origem em várias análises “revisionistas” do passado, que se propõem a revisitar as teses e os estudos mais aceitos na comunidade científica (NAPOLITANO, 2021, p. 98).

Isso nos leva, então, ao segundo Cavaleiro do Apocalipse, que é o revisionismo ideológico. Este traz, muitas vezes, a base dos pensamentos negacionistas, ou seja, o negacionista desenvolve o seu ponto em cima dos estudos revisionistas, que é uma prática comum dentro da historiografia e deve acontecer para que os estudos avancem, mas que, todavia, pode vir carregado de segundas intenções. Novamente, recorro ao trabalho de Napolitano para entender esse revisionismo com segundas intenções, segundo ele:

Há um *revisionismo de matriz ideológica*, que parte unicamente de demandas ideológicas e valorativas e colige fontes e autores para confirmar uma visão pré-construída acerca de um tema histórico, quase sempre polêmico. Esse tipo de revisionismo é refém de objetivos meramente ideológicos, da falta de método e da ética da pesquisa historiográfica. Trata-se daquele revisionismo calcado na manchete sensacionalista sobre um tema histórico, na apropriação descontextualizada de trabalhos historiográficos, no anacronismo, no uso acrítico de fontes primárias (tomadas como “prova factual” a partir de uma leitura superficial, sem crítica ou contextualização), sempre com o intuito de defender uma tese dada *a priori* sobre o passado incômodo e sensível (NAPOLITANO, 2021, p. 99-100).

Esse tipo de revisionista pega questões da história, que podem até serem questões debatidas e concluídas, mas vai utilizar o seu método revisionista a partir de uma visão já pré-estabelecida. Ou seja, ele mobiliza todo o seu método e suas fontes para interpretar a partir de uma tese que já está pronta, e não construir sua tese a partir da interpretação dessas fontes. Então, esse revisionismo está baseado em uma questão ideológica, antiética com o fazer historiográfico. Em síntese, os negacionistas e os revisionistas apologéticos “não querem revisar e ampliar o conhecimento sobre o passado, mas destruir esse conhecimento, pela tática da mentira e da explicação enviesada sobre fatos e processos históricos polêmicos” (NAPOLITANO, 2021, p. 100). De toda forma, ambos negam e desrespeitam o método científico.

Finalmente, nosso terceiro Cavaleiro do Apocalipse:

propagada mais rapidamente que qualquer vírus já conhecido, as *fake news*, ou notícias falsas em bom português, se tornaram um dos mais importantes fenômenos políticos e sociais de nosso tempo, desafiando democracias e conhecimento científico. Elas têm sido muito comuns no campo da saúde, mas estão presentes em todos os meios (CARVALHO, 2021, p. 148).

Dentre os três conceitos, este é o que, atualmente, está mais presente nas mídias sociais e nas discussões da população brasileira. Ora, as notícias falsas não surgiram agora, não são uma novidade oriunda da internet, embora tenha nesta a sua maior aliada. Afinal, elas nada mais são do que

mentiras e manipulações e essas são características intrínsecas à humanidade desde que os primeiros hominídeos começaram a falar.

Todavia, o motivo pelo qual as *fake news* estão cada vez mais populares atualmente, é porque vivemos na chamada “nova era da pós-verdade” (HARARI, 2018), cercados de mentiras e ficções. De acordo com o historiador israelense Yuval Noah Harari,

Os humanos sempre viveram na era da pós-verdade. O *Homo sapiens* é uma espécie de pós-verdade, cujo poder depende de criar ficções e acreditar nelas. Desde a Idade da Pedra, mitos que se autorreforçavam serviam para unir coletivos humanos. Realmente, o *Homo Sapiens* conquistou esse planeta graças, acima de tudo, à capacidade exclusiva dos humanos de criar e disseminar ficções. Somos os únicos mamíferos capazes de cooperar com vários estranhos porque somente nós somos capazes de inventar narrativas ficcionais, espalhá-las e convencer milhões de outros a acreditar nelas. Enquanto todos acreditarmos nas mesmas ficções, todos nós obedecemos às mesmas leis e, portanto, cooperamos efetivamente (HARARI, 2018, p. 289-290).

Nesse sentido, como bem aponta o professor e divulgador Bruno Leal Pastor de Carvalho⁸:

Pós-verdade foi escolhida “a palavra do ano” pelo *Dicionário Oxford* em 2016, o termo é definido da seguinte maneira: “relacionar ou denotar circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelar à emoção e à crença pessoal”. No que pese o debate nada desprezível sobre a objetividade dos fatos e a verdade, a era da pós-verdade seria uma época em que pesquisas, estudos, estatísticas e discursos amparados na verificação, na checagem, na revisão e na ciência de dados e fatos têm um valor reduzido diante do apelo emocional dos discursos (CARVALHO, 2021, p. 161).

Hoje, basta você ter um perfil em uma rede social (falso ou verdadeiro), publicar qualquer coisa que queira e essa publicação pode ser passada adiante, afinal, as notícias falsas são mais amplamente divulgadas e “viralizam” mais rápido do que a verdade, pelo caráter sensacionalista que geralmente carregam. Já as pessoas, sufocadas pelo excesso de dados e informações, acabam acreditando em tais caminhos falaciosos. Com isso,

⁸ Bruno Leal Pastor de Carvalho é o fundador e o editor-chefe do site Café História: <https://www.cafehistoria.com.br/about/>. Acesso em: 08 jan. de 2024.

sempre que nos deparamos com determinadas notícias, precisamos nos perguntar “quem ganha e quem perde com tais narrativas?”. Assim, voltando à História:

Todo zelo para combater as “fake news” tem que ser complementado com um igual – senão maior – zelo para enfrentar a “fake History”. “Fake History” é um fenômeno de longo prazo que tem emergido ante nossos olhos. E de modo distinto de como as “notícias reais” contrapõem-se às “fake news” todo dia na esfera pública, a “história real” que se contrapõem à “fake History” desapareceu gradualmente da vista do público (SOUZA; DUARTE, 2021, p. 329).

Parte do público não acadêmico vêm usando a televisão, a internet e suas ferramentas de forma mal intencionada para negar e/ou manipular o passado e a História, como é o caso do programa “Alienígenas do passado”, do *History Channel*, quando distorcem a história humana e colocam extraterrestres como grandes protagonistas da história do mundo. Cabe a nós, pesquisadores das humanidades, em especial historiadores e historiadoras, ficarmos alerta e combater com seriedade e criticidade tais discursos abusivos. É evidente que não é preciso cursar História para falar de História, mas “é preciso ser rigoroso no que se pesquisa e responsável no que se escreve para ser confiável. Do contrário, serão apenas histórias da carochinha” (PINSKY, 2013, p. 21).

Já conhecemos os Cavaleiros do Apocalipse da História Pública, agora vamos analisar, de maneira sucinta, alguns dos sintomas que eles causam à humanidade: as teorias da conspiração. Tais teorias, como o terraplanismo, o movimento antivacina e seres de outros planetas, por exemplo, deveriam receber mais nossa atenção enquanto objetos de investigação. Conforme Ricardo Figueiredo de Castro (2020):

Especialistas de diversas áreas do conhecimento explicam que a Terra é esférica, ou melhor, elipsoide; que a humanidade realmente chegou à Lua e que as vacinas são estatisticamente seguras; que as pirâmides foram construídas pelos seres humanos, que o covid-19 é uma doença potencialmente letal etc. Contudo, para muitos, nada disso parece ser suficiente. Os mitos persistem independentes da ciência e da lógica (CASTRO, 2020).

Mas, para o presente trabalho, foquei na teoria de que alienígenas super avançados intelectual e tecnologicamente visitaram o planeta Terra há milhares de anos. Acredito que esta seja umas das narrativas falaciosas que mais incomoda historiadoras e historiadores, visto que acaba por excluir o protagonismo do ser humano na formação de sua própria história. É o caso da teoria de que foi graças à tecnologia alienígena que as pirâmides do Egito foram construídas, distorcendo o fato de que estes famosos monumentos arquitetônicos foram levantados por mão de pessoas africanas negras.

A História é o estudo das ações de seres alienígenas ao longo do tempo?

Ainda hoje é bastante falado sobre as teorias de que seriam os “*aliens*” os responsáveis por inúmeros momentos importantes da história da humanidade. Com foco no continente africano, abordarei tais teorias com maior profundidade, tendo como fonte principal o programa Alienígenas do Passado, do canal *History Channel*. Um dos pilares que fizeram com que o programa surgisse e se mantenha até hoje é o livro “Eram os deuses astronautas?”, do escritor suíço Erich Von Däniken, lançado originalmente na década de 1960. Este defende a tese de que existem outros seres inteligentes no universo e propõe que estes tenham trazido grandes conhecimentos à humanidade. Segundo Von Däniken

Temos que corrigir mil e um erros do passado. A confiança em nós mesmos, que vivemos fingindo, é inteiramente vã, e representa apenas uma forma aguda de obstinação. Continua reinando nos congressos de cientistas ortodoxos a ilusão de que uma coisa deve ser comprovada antes que uma pessoa “séria” deva – ou possa – ocupar-se dela. [...] “O bom senso”, exclamou há quinhentos anos um cientista no tribunal, “deve dizer-nos que a Terra não pode ser um globo, pois se assim fosse, os homens situados na metade inferior se precipitariam ao abismo!”. “Em parte alguma da Bíblia se afirma”, disse outro, “que a Terra gira em torno do Sol. Portanto, uma afirmação nesse sentido é obra do diabo!”. Parece que a parvoíce sempre foi uma reação característica especial nas épocas em que surgiram novos mundos de ideias. Mas, no limiar do século XXI, o pesquisador deveria estar preparado para enfrentar realidades fantásticas. Deveria estar ávido de proceder a uma revisão das leis e dos conhecimentos que durante milênios foram tidos como tabus, mas que estão postos em xeque por

novos conhecimentos. Ainda que um exército reacionário de detentores do Prêmio Nobel esteja tentando opor barreiras a essa nova avalanche espiritual, será preciso, em nome da verdade e da realidade, conquistar um mundo novo contra todos aqueles que não querem aprender. [...] Entretanto, NADA mais é inimaginável. A palavra “impossível” deveria ter-se tornado literalmente impossível ao pesquisador moderno. Permanecemos, pois, insistentemente com nossa hipótese segundo a qual, há ignotos milhares de anos, astronautas vindos de planetas estranhos realmente visitaram a Terra (DÄNIKEN, 2000, p. 44-46.).

O trecho citado apresenta um verdadeiro exemplo de revisionismo ideológico, fundamentado no sensacionalismo: incessantemente faz uso de exclamações a fim de chamar a atenção dos leitores para incríveis e misteriosas descobertas científicas que serão desvendadas em um futuro próximo. O autor já tem sua verdade pré-estabelecida (o título da obra já dita a conclusão do livro), utilizando-se de meias verdades que corroboram para nos convencer que seus argumentos são verídicos, descartando qualquer evidência que não sustente sua hipótese. Däniken parece apenas trazer um compilado de curiosidades históricas/científicas onde a teoria de vida extraterrestre se encaixa. Ora, sabemos que a Terra é um globo e que a mesma gira em torno do sol, entretanto, isto está longe de ser suficiente para provar que seres de outros planetas tenham nos visitado há milhares de anos.

Essa visão de que humanoides tecnologicamente hiper avançados deveriam ter sido a base para o desenvolvimento da vida humana na Terra hoje é muito difundida, em parte graças ao trabalho de Däniken. Mesmo com diversas explicações científicas muito bem fundamentadas para a existência das tecnologias dos africanos, nativos americanos, babilônios e outros povos, desenvolvidas pelos próprios humanos do período, ainda é comum ver monumentos arquitetônicos do passado e acreditar que os humanos “primitivos” não poderiam ter construído obras tão grandes e complexas nem ter desenvolvido conhecimentos, utilizados até os dias atuais, sem ajuda extraterrestre.

Antes de falarmos sobre o programa *Alienígenas do Passado* em si, é importante apresentar o History Channel. O canal

Foi lançado no início de 1995 como uma descendência da rede Arts & Entertainment, com onze anos (A&E). Nos anos seguintes, o History Channel tornou-se cada vez mais uma parte padrão dos pacotes básicos de cabos, tanto nos Estados Unidos como no Reino Unido. Emergindo com a crescente proliferação de estações a cabo que começou na década de 1980, o History Channel juntou-se à constelação de estações dedicadas ao entretenimento especializado de não-ficção não noticiosa para públicos específicos, incluindo natureza (Animal Planet), jardinagem (Home & Garden Network), Travel Channel e canais de documentários generalizados como Discovery e The Learning Channel (TLC) (TAVES, 2000, p. 7, tradução minha).

De acordo com Márcio Souza Gonçalves, o History Channel

comporta em seu nome um certo compromisso com a verdade. Com presença em vários meios diferentes além da TV por assinatura, assim se apresenta no seu canal Youtube: "Bem-vindo ao canal oficial do HISTORY no Youtube, o principal destino de séries, documentários e produções originais que conectam os espectadores à história de maneira informativa, envolvente e divertida, em todas as plataformas". A página no Facebook indica uma comunidade de cerca de 43 milhões de pessoas (GONÇALVES, 2019, p. 60).

O canal apresenta documentários originais, minisséries especiais e filmes ditos históricos em sua programação. De início, em seu cerne, o *History* talvez tivesse como objetivo aumentar a conscientização, incentivar e promover uma educação histórica, pelo menos é o que nos diz a consultora histórica da *A&E Television Networks* e do *History Channel* em uma reportagem de outubro de 1995⁹. Porém, atualmente o canal tem como principais fontes de audiência programas com temas contemporâneos de interesse duvidoso como leilões de itens raros (nem sempre) em lojas de penhores, competições de ferreiros e, nosso foco aqui, um programa que coloca alienígenas no centro da história humana, ou seja, muitas histórias e muito pouco sobre História.

⁹ Em uma reportagem do mesmo ano do lançamento do *History Channel* podemos perceber a ideia inicial do canal e como sua programação original tinha um foco voltado bastante para a educação. Disponível em <https://www.historians.org/research-and-publications/perspectives-on-history/october-1995/the-history-channel-and-history-education>. Acesso em 19 jan. de 2024.

É através dos programas do *History* que uma grande parte do público geral tem contato com informações históricas, e ela (a História) “está disponível todos os dias na televisão através da programação no *The History Channel*” (TOPLIN; EUDY, 2022, p. 7, tradução minha). Mais do que isso, muitos dos telespectadores ainda acreditam que ao assistirem o canal, estarão aprendendo a “verdadeira História”, honesta e científica, aquela que seu professor de História está escondendo e não quer que você saiba, mesmo que estejam apenas vendo um norte-americano descobrindo, em uma loja de penhores, quanto vale seu tinteiro que está na família há décadas ou dois ferreiros que tentam recriar uma espada usada pelos cavaleiros templários para ganhar uma premiação em dinheiro.

Diferente de quando assistem a um filme historicamente construído, quando se trata de documentários históricos, o público em geral não costuma olhar para a narrativa histórica como uma construção: encaram-na como verdade e não reconhecem a perspectiva ideológica carregada de valor presente na maioria dos audiovisuais do estilo documentário. Documentários geralmente são vistos como fontes objetivas e neutras de informação histórica, ou seja, são frequentemente tratados com a mesma reverência dada às fontes históricas primárias. Nesse sentido Jurandir Malerba alerta que

O público de história se expandiu vertiginosamente nos últimos anos, para muito além do público consumidor de livros – inclusive de livros de história popular. Mas ainda resta uma longa zona cinzenta em torno do conceito de história pública. A história é “pública” porque sua produção saiu da tutela acadêmica e passou a ser largamente praticada, produzida por leigos, amadores, diletantes? Ou ela é pública pela dimensão da audiência que é capaz de atingir – e que cresceu exponencialmente nas últimas três décadas? Tanto uma coisa quanto a outra – a alteração do perfil do produtor de história e a expansão vertiginosa do seu público consumidor – se explicam em grande parte pelo surgimento de novas mídias, particularmente a internet (MALERBA, 2017, p. 141).

Seguindo nessa esteira, queremos muito saber de onde viemos e onde estão nossas raízes. Visitar e aprender sobre o passado é em grande parte uma forma de compreender o presente. É interessante estudar sobre outros povos

e sociedades, como se organizavam e que tabus respeitavam. Assim, a História produzida pelo profissional acadêmico treinado na universidade deve chegar aos olhos e ouvidos da população, temos que ter em mente que esse é um dos deveres do/a historiador/a.

Dito isto, também devemos destacar um ponto importante deste polêmico canal (*History Channel*): o aumento do público não acadêmico que busca se interessar por História, visto que, cada vez mais, as mídias digitais estão se tornando as principais responsáveis pela circulação do conhecimento histórico. Em um trabalho publicado em 2003, Robert Brent Toplin diz que esse tipo de produção (documentários, filmes, etc.) abriu um vasto campo de pesquisas para historiadores. Segundo ele

Visitantes de reuniões anuais das principais associações históricas podem escolher entre uma variedade de seções que apresentam discussões sobre filmes ou exposições. Muitos vídeos e DVDs estão disponíveis para historiadores públicos e instrutores, e canais de televisão como The History Channel e PBS Television Broadcast lançaram uma variedade de documentários e filmes de Hollywood (TOPLIN, 2003, p. 79-80, tradução minha).

Logo, ainda que “às avessas”, para o bem ou para o mal, o *History* faz um notório trabalho de História pública. Fica então a questão: “Qual é o papel possível do historiador profissional nessa dimensão da história pública atrelada à esfera midiática e às demandas sociais?” (OGASSAWARA; BORGES, 2019, p. 42). Acredito que a resposta, ao menos uma das possíveis, seja estar atento a essas novas demandas do tempo presente: ocupar os espaços da *Internet*, não necessariamente produzindo os conteúdos, mas avaliando as produções de nossos pares, e divulgando-as e fazendo-as circular entre o grande público, seja positiva ou negativamente.

Quanto ao programa *Alienígenas do Passado*, podemos ler no famoso e polêmico site *Wikipédia* que “a série é criticada por ser pseudocientífica e pseudo-histórica”¹⁰. Sendo assim, nos tópicos a seguir trago a análise

¹⁰ Ancient Aliens. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ancient_Aliens. Acesso em 19 jan. 2024.

específica dos episódios “Mistérios da Esfinge” e “Segredo das Múmias”. De antemão, podemos notar a utilização de títulos sensacionalistas que, como defende Napolitano, são “muito utilizados em pseudodocumentários e vídeos de divulgação em redes sociais, mas também em artigos e livros de divulgação” (NAPOLITANO, 2021, p. 97). Estes episódios tratam de questões referentes à história do Egito e para analisar seus discursos potencialmente negacionistas e/ou revisionistas refletimos sobre como o programa se “enquadra” no que entendemos como uma teoria da conspiração.

Mistérios da esfinge¹¹

Neste episódio, que foi ao ar em novembro de 2014, como o próprio nome já entrega, os “teóricos dos antigos astronautas” tratam de pensar teorias que expliquem os mistérios por trás da majestosa esfinge de Gizé, no Egito, desde sua origem e o motivo de sua construção. Logo no início do episódio, servindo como uma introdução, o narrador já indaga: “A grande esfinge de Gizé talvez seja o monumento mais misterioso da Terra, mas se resolvermos seus enigmas, será que acharemos a prova definitiva de que nossos antepassados foram visitados por seres extraterrestres?” (HISTORY CHANNEL, 2014, 0’30”).

Evidentemente, a narrativa já começa mostrando o caminho que o episódio vai seguir, tentando ligar os mistérios da esfinge aos “antigos astronautas” e, em diversos momentos, pessoas com título acadêmico são citadas ou dão depoimentos em prol dessa narrativa, “o que dá credibilidade ao que se apresenta no vídeo” (GONÇALVES, 2019, p. 63). Em um momento, ainda nos minutos iniciais, o narrador traz uma comparação entre duas imagens, o “Olho de Luz do Senhor”, encontrado em uma lápide em frente da esfinge, e o “disco de Aton”, encontrado em uma gravura junto ao faraó

¹¹ Importante ressaltar que as transcrições, que aparecem a seguir, foram feitas a partir de episódios dublados em português. Logo, podem não estar fiéis às falas originais.

Akhenaton, e questiona se ambos descrevem o mesmo objeto, “se for assim, teria a civilização egípcia sido dirigida por seres extraterrestres que usaram a esfinge como meio de comunicação?” (HISTORY CHANNEL, 2014, 7'18"). Nessa esteira, o apresentador do programa, Giorgio A. Tsoukalos, comenta que “os egípcios falam sobre uma idade de ouro que existiu a cerca de doze mil e quinhentos anos, isso é algo que remonta há pelo menos oito mil anos antes da cronologia egípcia geralmente aceita. Nessa época, os deuses conviviam, ou andavam, com os homens” (HISTORY CHANNEL, 2014, 8'00"). Na sequência o narrador questiona

Seria esse extraordinário monumento um remanescente da idade de ouro, quando extraterrestres conviviam com humanos, como sugerem os teóricos dos antigos astronautas? Se for assim, a idade da esfinge é em milhares de anos anterior ao que estudiosos convencionais acreditam ser possível (HISTORY CHANNEL, 2014, 8'56").

Segundo Gonçalves

Esse tipo de formulação, “se assim for, então...” é frequente. Tomado rigorosamente, condiciona todos os desenvolvimentos à premissa (se assim for). Na dinâmica do vídeo, contudo, uma vez enunciado o “se assim for” a narrativa passa a operar como se assim fosse, saímos da possibilidade para a realidade, retoricamente agindo um interessante mecanismo de afirmação de uma verdade anteriormente apenas possível (GONÇALVES, 2019, p. 63).

Ou seja, a narrativa procura nos direcionar, a partir de duas gravuras circulares, a uma possibilidade real de que os alienígenas estariam presentes na construção de monumentos e interferido em decisões de faraós do Antigo Egito. Estes teóricos já têm a sua verdade estabelecida, como dito anteriormente quando conceituado o revisionismo ideológico/apologético. Em momento algum o programa traz os problemas ou contrapontos às suas teorias. Essa falta de divergência é uma forte estratégia discursiva para persuadir o público.

Um dos principais focos para testar sua teoria é a questão da cabeça da esfinge. Conforme o discurso do programa, “teóricos dos antigos astronautas dizem que a esfinge não foi construída por Quéfren, como sugerem historiadores convencionais. Dizem que a esfinge precede a era dos

faraós, e propõem que a verdadeira cabeça desapareceu há milhares de anos" (HISTORY CHANNEL, 2014, 13'13"). Giorgio A. Tsoukalos diz que "muita gente vem sugerindo, inclusive pesquisadores, que a cabeça atual, que está no corpo da esfinge, é pequena demais para ser proporcional ao corpo" (HISTORY CHANNEL, 2014, 13'56"). Como já comentado, dizer que supostos pesquisadores estão ajudando a construir essa polêmica versão da história acaba por deixar os telespectadores mais seguros sobre o conteúdo que estão consumindo. Robert Temple (apresentado no programa como o autor de *The Sphinx Mystery*) sugere ainda que, na verdade, a cabeça seria de um cão, logo, a esfinge representaria Anubis – uma espécie de deus guardião da necrópole sagrada, segundo os egípcios – assim, Gizé seria uma necrópole sagrada. Segundo o programa, os "Teóricos dos antigos astronautas dizem que esse deus [Anúbis] foi um ser real, que visitou nosso planeta em tempos remotos" (HISTORY CHANNEL, 2014, 17'10").

Na segunda metade do episódio, os "Teóricos dos antigos astronautas" tentam responder o porquê de a grande esfinge ser construída. Robert Bauval (apresentado no programa como o autor de *Secret Chamber Revisited*) defende que a necrópole de Gizé foi um projeto planejado, que "não foram os faraós que vieram meio por acaso e construíram a esfinge" (HISTORY CHANNEL, 2014, 18'47"). O programa, então, levanta a seguinte questão: "Será possível que a esfinge e as pirâmides foram projetadas para funcionar juntas? Teóricos dos antigos astronautas dizem que sim, e sugerem que uma prova está em um túmulo recentemente descoberto" (HISTORY CHANNEL, 2014, 19'07"). O túmulo em questão seria do deus Osíris, que ficaria em uma câmara funerária a cerca de 60 metros da esfinge. O programa segue com a seguinte teoria:

A maioria dos estudiosos acha que Osíris é um ser mítico e que a tumba é meramente simbólica. Mas os teóricos dos antigos astronautas sugerem que não só Osíris foi real, mas o sarcófago de 2,80m traz evidências da intervenção extraterrestre no passado. [...] A ideia de um sarcófago que não tem múmia dentro, sugere a possibilidade de teletransporte, e a possibilidade de transmutação do corpo físico,

sugere que talvez quem construiu o monumento e as câmaras subterrâneas podia sair completamente da nossa realidade (HISTORY CHANNEL, 2014, 21'07").

Dessa forma, sem qualquer embasamento histórico, apenas com as informações simples de que existem três pirâmides, uma esfinge e um túmulo vazio, o programa chega a teoria de que os egípcios antigos, ou pelo menos os antigos deuses astronautas, poderiam teletransportar seus corpos. Os "teóricos dos antigos astronautas" seguem, usando o manjado argumento de que "muitos pesquisadores dizem" – sem citar pesquisadores nem pesquisas –, defendendo que as pirâmides do Egito são, na verdade, sofisticadas usinas de força. O programa provoca: "Você se pergunta se as próprias pirâmides não foram criadas para gerar enormes quantidades de energia. Energia usada para abrir os portais estelares" (HISTORY CHANNEL, 2014, 23'16"). Isso é o que Napolitano chama de "linguagem especulativa em excesso" (NAPOLITANO, 2021, p. 97), ou seja: não há nenhuma apresentação de argumentos, autores ou evidências contrários à tese defendida, "o que é apresentado vem sempre confirmar o que se sustenta, sem que qualquer reflexão crítica seja realizada" (GONÇALVES, 2019, p. 72). Logo, para estes teóricos, complexos arquitetônicos erguidos por mãos africanas negras, seriam grandes dispositivos tecnológicos que funcionam como teletransporte para outros mundos, mesmo que nunca tenham sido encontrados, de fato, nenhum resquício de tecnologia super avançada na região, nem um tipo de bobina, bateria, motor, combustível, ou seja, lá o que é necessário para criar uma máquina de teletransporte. Mas para eles, isso é apenas um detalhe não tão importante, claro.

As teorias não param por aí. O episódio nos apresenta, ainda, Edgar Cayce, um suposto médium estadunidense da primeira metade do século XX, que dizia ter sido, em outra vida, um sacerdote no Egito Antigo e, que estaria diretamente ligado à construção da esfinge (HISTORY CHANNEL, 2014, 26'25"). Cayce teria feito, segundo diz o narrador, dezenas de comentários sobre a

esfinge, relacionando ela a uma antiga civilização, o continente perdido de Atlântida (HISTORY CHANNEL, 2014, 27'58"). Novamente, sem o embasamento de um pesquisador renomado ou fonte confiável, chegam à conclusão de que Atlântida existiu e a esfinge é remanescente desta antiga civilização, logo Atlântida estaria ligada aos antigos alienígenas. Jonathan Young (apresentado no programa como *Founding Curator, Joseph Campbell Archives*) conta que Cayce uma vez sonhou com uma câmara secreta embaixo de uma pata da esfinge que continha os registros perdidos dessa civilização (HISTORY CHANNEL, 2014, 29'12"). Na década de 1970, um grupo de exploração foi até o Egito, com o propósito de localizar alguma câmara secreta sob a esfinge. Evidentemente nada foi encontrado, pois, segundo o programa, "o grupo foi detido no último minuto pelo exército egípcio" (HISTORY CHANNEL, 2014, 30'08"). Aqui, podemos perceber uma das características basilares das teorias da conspiração: a intervenção do exército. Para o programa tal situação pode servir como argumento de que o governo/sistema estaria acobertando algum conhecimento ou projeto oculto.

Por fim, na reta final do episódio, somos levados até Marte (sim, o planeta vermelho), através de imagens da sonda *Pathfinder* na década de 1990. O narrador aponta que, entre essas imagens, há uma que "alguns dizem ser igual à formação do planalto de Gizé, incluindo o que parece ser uma esfinge" (HISTORY CHANNEL, 2014, 33'10"). Começa mais uma mentira apoiada em uma meia verdade (NAPOLITANO, 2021), pois embora as imagens apresentadas aos telespectadores sejam de algumas formações rochosas e de montanhas ao fundo, elas em nada lembram as pirâmides de Gizé ou a esfinge. Giorgio A. Tsoukalos argumenta que "alguns propuseram que era uma imagem espelho do planalto de Gizé em Marte e que, portanto, Marte deve ter sido habitado e, é por isso que temos em Marte estruturas de origem artificial" (HISTORY CHANNEL, 2014, 33'50"). Nota-se que substantivo

“alguns” aparece com muita frequência nos discursos, talvez para fazer parecer que existem muitas pessoas que compartilham desses pensamentos, o que cria uma espécie de “conforto” nos teóricos da conspiração.

David Childress (apresentado no programa como autor de *Technology of gods*) acrescenta que “se fossemos a Marte e encontrássemos alguma civilização, ela deveria ser subterrânea, e você se pergunta se essa esfinge marciana não estaria guardando algum mundo subterrâneo similar ao mundo subterrâneo de Gizé como sabemos que existe aqui” (HISTORY CHANNEL, 2014, 35'10"). Sabemos? Tal afirmação, dita com tanta convicção, somado ao rico material audiovisual, dotado “de um efeito de realidade intenso” (OGASSAWARA; BORGES, 2019, p. 51) pode ser uma forte artimanha para convencer o público consumidor do programa a aceitar a narrativa enganosa como verdadeira.

Em resumo, usando a figura da esfinge de Gizé como eixo, o episódio busca comprovar que alienígenas, há milhares de anos, estiveram em contato com a humanidade no norte da África, sendo, eles (os *aliens*), os deuses do panteão do Antigo Egito e sendo as pirâmides, e a própria esfinge, monumentos altamente tecnológicos que serviriam como fonte de energia para esses deuses/alienígenas se teletransportarem para outros lugares da galáxia. Prova disso, segundo nossos “teóricos dos antigos astronautas”, seriam um texto escrito por um suposto médium na primeira metade do século passado sobre a esfinge e sobre Atlântida, além de imagens de uma sonda espacial que mostrava uma paisagem supostamente parecida com a planície de Gizé.

Segredos das múmias

Este episódio tem como tema central o processo de mumificação, em diferentes lugares e épocas distintas, porém, analisei especificamente as narrativas acerca da mumificação no Antigo Egito abordadas no programa.

Como o narrador nos diz “apesar dos egípcios não serem a única cultura antiga a mumificar seus mortos, nenhuma outra cultura foi tão longe para preservar o corpo e assegurar a entrada na próxima vida” (HISTORY CHANNEL, 2014, 7'33”).

O capítulo segue, indagando como os egípcios chegaram ao complexo processo da mumificação, visto que, de acordo com o narrador, “apesar de os arqueólogos descobrirem muita coisa sobre a preparação das múmias, os egípcios não deixaram textos com instruções ou modos de fazer” (HISTORY CHANNEL, 2014, 8'57”). David Childress, então, parte para a narrativa que ligaria o povo egípcio aos alienígenas quando aponta que esse processo (mumificação), no Antigo Egito, “muitas vezes, se relaciona com a estrela Sirius, da constelação do cão maior e, os direitos à mumificação eram fiscalizados por Anúbis, um deus com cabeça de chacal” (HISTORY CHANNEL, 2014, 10'16”). O autor indaga então “se Anúbis não seria um deus físico extraterrestre” (HISTORY CHANNEL, 2014, 10'32”).

Na sequência são levantadas para o público as seguintes questões: “será que a crença no além, dos antigos egípcios, foi influenciada por visitantes extraterrestres? Será que aprenderam o processo de mumificação desses visitantes? E se for assim, qual era a intenção deles?” (HISTORY CHANNEL, 2014, 11'13”). Novamente apresenta-se o “se for assim”, agindo como um mecanismo para confirmar “uma verdade anteriormente apenas possível” (GONÇALVES, 2019, p. 63). Assim como no caso da esfinge, no exemplo anterior, a teoria de uma interferência alienígena em tempos mais remotos é inventada para dar conta de um “mistério” que, na verdade, não existe. Trata-se de um recurso discursivo usado para convencer os telespectadores de algo, no caso, de que os povos antigos não ocidentais não possuíam capacidade cognitiva de imaginar, criar e produzir conhecimento.

Segundo a lógica apresentada por Childress e demais interlocutores do programa, se um assunto é complexo, basta ligar ele a uma narrativa intergaláctica a fim de “inventar” uma resposta. Esses discursos tentam “se passar por científicos, mas, na verdade são falseadores da crítica, da descoberta da verdade e da reflexão” (NAPOLITANO, 2021, p. 97). A explicação simplória de que a humanidade aprendeu o processo de mumificação com alienígenas ou, simplesmente, “a não explicitação pode eventualmente ser uma estratégia de persuasão” (GONÇALVES, 2019, p. 66). Como já foi visto, esse tipo de narrativa negacionista e revisionista é bastante comum quando se trata da história dos povos africanos, principalmente povos antigos, como é o caso dos egípcios com os casos das pirâmides, da esfinge e do processo de mumificação.

A figura do faraó Akhenaton é usada, neste episódio, para reforçar a versão dos “teóricos dos antigos astronautas” sobre a mumificação dos antigos egípcios. Em 1891, um arqueólogo italiano teria, segundo o programa, ido até a cidade sagrada de Amarna e “explorado um túmulo construído para o faraó Akhenaton, mas não acha evidências de sua múmia” (HISTORY CHANNEL, 2014, 25'22"). “O interessante é que os egiptólogos tinham certeza de que encontrariam Akhenaton naquele túmulo, mas não encontraram” (HISTORY CHANNEL, 2014, 25'40"), aponta Giorgio A. Tsoukalos. Um túmulo sem um corpo, como vimos no exemplo anterior, para essas pessoas, só pode significar uma coisa: alienígenas. Continua a voz que narra o programa:

O que aconteceu a esse líder revolucionário depois de sua morte é tão misterioso quanto o próprio faraó. Ele nunca foi enterrado em seu túmulo ou terá sido retirado de lá? Akhenaton governou de 1353 a.C até sua morte, dezessete anos depois. Seu reino foi marcado pela controvérsia, porque ele abandonou o panteão dos deuses egípcios e exigiu que seus súditos venerassem o deus sol, Aton (HISTORY CHANNEL, 2014, 25'55").

Segundo David Wilcock (apresentado no programa como autor de *The Synchronicity Key*), “Aton foi uma coisa que ele viu no céu entre duas montanhas, e que o inspirou a criar a cidade sagrada de Amarna. Por seu

aspecto típico, Aton deve ser o sol, mas é totalmente possível que o que Akhenaton viu foi, na verdade, uma nave extraterrestre" (HISTORY CHANNEL, 2014, 26'35"), assim, o faraó teria tomado suas decisões sobre a forma de governar o Egito a partir de um encontro com os "antigos astronautas".

A palavra "possível", na fala de Wilcock, demonstra uma estratégia que Gonçalves chama de "realidade da possibilidade" (GONÇALVES, 2019, p. 73).

Segundo ele, esta estratégia

Consiste em demonstrar que algo é possível, o que não é difícil, e deslizar do possível para o efetivamente realizado sem que efetivamente esse realizado tenha sido comprovado. Ocasionalmente um raciocínio inconsistente pode permitir que um possível estabelecido seja "comprovado" (as aspas indicam que se trata de uma comprovação inconsistente) por outro elemento posterior que com ele tem apenas uma aparente relação (GONÇALVES, 2019, p. 73).

Em síntese, ao analisarmos os mecanismos de persuasão existentes nesse produto de comunicação em massa, constatamos que há menos argumentos plausíveis e lógicos e mais atos de escárnio argumentativo, cheios de brechas e saltos desarrazoados. Porém, carregado de recursos imagéticos (e discursivos) que têm o poder de provocar e influenciar grandes públicos, pois são as imagens que guardamos na memória com mais facilidade. Ficando assim, nítida a postura adotada pelo programa para induzir os telespectadores a abraçarem suas teorias sobre determinados fenômenos, neste caso, a arte da mumificação e o "desaparecimento" de um faraó de seu suposto túmulo e sua relação com os antigos astronautas/alienígenas.

Considerações finais

Este trabalho objetivou se somar aos estudos referentes ao crescente campo da História Pública, partindo de uma ousada pesquisa sobre negacionismo, revisionismo ideológico, *fake news* (trio que resolvi chamar de "os cavaleiros do apocalipse") e teorias da conspiração para, então, entender como a História Pública pode ser utilizada a fim de contribuir para

quebrar estereótipos, acabar com discursos recheados de preconceito e abrir discussões no que se refere à História da África.

Desta maneira, iniciei trazendo diversos autores e autoras que se propuseram a pensar História Pública como suporte teórico, com o propósito de dar sustentação às respostas que encontrei para as perguntas iniciais e ao problema de pesquisa proposto. Ademais, analisar os três cavaleiros do apocalipse foi essencial para esse estudo, pois cheguei à conclusão de que estes são os grandes vilões da ciência, sobretudo, da ciência histórica. Estes “agentes do caos” são conhecidos por rejeitarem pesquisas científicas consolidadas (sobretudo as historiográficas) e pela distorção de determinados fatos ou eventos e, após isso, fazer com que estas verdades deturpadas se disseminem tão rápida e perigosamente quanto um vírus, tendo como um dos seus graves sintomas, as teorias da conspiração.

Território vasto, dotado de povos diferentes e rico culturalmente, o continente africano é um dos principais alvos destas distorções. As falácias sobre a África não são, como vimos, questões recentes. No século XVI um viajante inglês teria descrito um povo africano como monstros sem cabeça, o filósofo Hegel, no século XIX, já escrevia que os africanos não eram civilizados o suficiente, portanto eram seres sem história e, nos dias de hoje vemos escancaradamente, na internet e na televisão, discursos sugerindo que humanóides interplanetários influenciaram ou orquestraram fenômenos na África. Como se já não bastasse a visão etnocêntrica – que trata as populações africanas como selvagens, primitivos e ingênuos que se impressionam com a cultura do branco ocidental “civilizado” – ainda precisamos lidar com grupos que defendem que os africanos precisaram, em tempos remotos, da tutela dos antigos astronautas para desenvolver sua cultura. Para comprovar meus argumentos, apresentei dois episódios do programa “Alienígenas do Passado”, para perceber os discursos utilizados para (des)construir a História da África, mais precisamente do Antigo Egito.

Conteúdos instigantes, como a construção das três famosas pirâmides do Egito, a Esfinge de Gizé e o processo de mumificação, comumente aparecem em debates ligados à ufologia e às teorias da conspiração. Assim, foi crucial que trouxesse esses assuntos para discussão, para pensarmos como programas de comunicação fazem uso desses temas para convencer seu público a abraçar suas crenças.

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Fake News na história: uma bibliografia comentada. (Bibliografia Comentada). *Café História*, 2020. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/fake-news-na-historia>. Acesso em: 15 out. 2022.

_____. Fake news: do passado ao presente. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla. *Novos combates pela história, desafios, ensino*. São Paulo: Editora Contexto, 2021, p. 147-174.

_____. História Pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo. *Revista Transversos*. Rio de Janeiro, v. 07, n. 07, 2016, p. 35-53. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/25602>. Acesso em: 15 out. 2022.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. Teorias da Conspiração: conceito, história e as suas associações com as fake News (Artigo). *Café História – história feita com cliques*. 2020. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/fake-news-teorias-da-conspiracao-dicursos-de-odio/>. Acesso em: 15 out. 2022.

DANIKEN, Erich von. *Eram os Deuses Astronautas?* São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2000.

FICO, Carlos. Quem escreve a História: a qualificação do historiador. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla. *Novos combates pela história, desafios, ensino*. São Paulo: Editora Contexto, 2021, p. 25-50

FUNARI, Pedro Paulo. Anacronismos e apropriações. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla. *Novos combates pela história, desafios, ensino*. São Paulo: Editora Contexto, 2021, p. 115-146.

GONÇALVES, Márcio Souza. Foram os aliens: comunicação de massa e verdade. *Libero*. Bela Vista, n. 44, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1082/1030>. Acesso em: 15 out. 2022.

HARARI, Yuval Noah. *21 lições para o século 21*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 37, n. 74, 2017, p. 135-154. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/LHTGChGvyDBCdzDk33k4WgM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2022.

MARTINS, Leonardo Breno. Extremistas religiosos, terraplanistas, alienígenas e além: a dinâmica da espiral ascendente de complexidade na formação de crenças e experiências contraintuitivas. *Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora*, v. 21, n. 2, jul./dez. 2018, p. 129-144. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/22156>. Acesso em: 15 out. 2022.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 62, dez. 2015, p. 20-31. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/WxGPWdcytJgSnNKJQ7dMVGz/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 out. 2022.

NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla. *Novos combates pela história, desafios, ensino*. São Paulo: Editora Contexto, 2021, p. 85-114.

OGASSAWARA, Juliana Sayuri; BORGES, Viviane Trindade. O historiador e a mídia: diálogos e disputas na arena da história pública. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 39, n. 80, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/FKyMw5pFhRdL5jbRCYB6fnD/?lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2022.

PINSKY, Jaime. *Por que gostamos de História*. São Paulo: Contexto, 2013.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. A História contra-ataca. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla. *Novos combates pela história, desafios, ensino*. São Paulo: Editora Contexto, 2021, p. 9-24.

SOUZA, Rosali Fernandez de; DUARTE, Rodrigo Almeida. Sobre fake news e fake History. *Revista Mídia e Cotidiano*, v.15, n.3, 2021, p.321-338. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/50671>. Acesso em: 15 out. 2022.

TAVES, Brian. The History Channel and the Challenge of Historical Programming. *Film & History: An Interdisciplinary Journal of Film and Television Studies*, v. 30, n. 2, 2000, p. 7-16. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/400651/pdf>. Acesso em: 19 jan. 2024.

TOPLIN, Robert Brent. Cinematic History: Where Do We Go From Here?. *The Public Historian*, v. 25, n. 3, 2003, p. 79-91. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1525/tph.2003.25.3.79>. Acesso em: 26 jan. 2023.

TOPLIN, Robert Brent; EUDY, Jason. The Historian Encounters Film: A Historiography. *OAH Magazine of History*, v. 16, n. 4, *Film and History*, 2002), p. 7-12. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/25163542>. Acesso em: 26 jan. 2023.